O Lastanheirense

AVENCA

Jornal Regionalista—Por Castanheira de Pêra e Região

ANO

Redacção, Administração e Oficinas Castanheira de Pêra — Telefone 16 Adriano José Sebastião Coelho

Proprieda le das Of. Gráficas da Ribeira de Pera. L.da

Chef da Redacção: António Maria Saraiva

N.º 297

Homens de Mérito

VISCONDE DE Castaheira de Pêra

(Continuação do n.º 296)

Não vês, meu caro leitor, a grande transformação a que está a sujeitar-se a Ribeira de Pêra? Nos Esconhais, dezenas de pessoas trabalham afanosamente. Espaçosos edifícios se levantam, destinados a uma grande fábrica de lanifícios. Aqui são montados quatro motores hidráulicos, de fôrça de 70 cavalos. movidos pela água, conduzida em duas compridas e largas levadas, abertas para êsse fim. Pela alta e ingreme serra da Louzã, puxadas por juntas de bois arrastam-se, durante dias e semanas, pesadas zorras, transportando as mais modernas máquinas, ¡Que dificuldades a arrostar! Quantas despesas a fazer para se conseguir o seu ideal!

De vontade inquebrantável, treinado na luta pela vida, nada impede a A Alves Bebiano, da execução do sen plano. Nos vastos salões dos edifícios, é grande a azafama na instalação dos maquinismos: são os engenheiros a dirigir, e muitas dezenas de trabalhadores a cumprir as suas ordens. Para movimentar no verão, a grande fábrica, são assentes quatro máquinas a vapor, de 126 cavalos de fôrça, alimentadas por carvão de cepas, arrancadas nessas longas encostas que mandou plantar de vinha, olivedo e pinheirais. Estava realizado o seu sonho doirado. Vê com prazer e alegria, a sua fábrica dar a muitas centenas de pessoas trabalho e, dirigida, nas várias secções, por técnicos estranjeiros, ser uma grande escola de debuxadores, tintureiros, mestres de cardação, e de ultimação; seus artigos - casimiras, chailes, saragoças, briches e mésclas - competirem com os melhores nacionais e estranjeiros, e serem premiados nalgumas exposições de Paris, Filadelfia e Rio-de--Janeiro; a sua querida Castanheira já ligada com o exterior por estradas de macadame e telégrafo que tantos sacrifícios e despesas lhe deram; os seus caros operários, que muito o amam, afastados da taberna e do jôgo, formando a afamada filarmónica castanheirense que lhe deve o ser; a escola, regida por Epifânio Baleisão, chamado de Lisboa por si, onde se instruem, segundo o método de João de Deus, os operários e o povo; numa palavra, tôda a sua obra avaliada, glorificada pelo próprio rei D. Carlos, pela qual lhe deu o título de Visconde de Castanheira de Pêra.

Castanheira-de-Pêra, se conhe-

– Uma escola a bordo

Quando nos propunhamos escrever sôbre qualquer assunto palpitante para encher êste espaço, os motivos escasseavam e a caneta quási se negava a cumprir a sua ingrata e incompreendida tarefa.

Revolvemos apontamentos, concentramos ideias, e, ao pretendermos encher meia-dúzia de «linguados», a nossa atenção ficou prêsa à voz de um locutor que, através do espaço, nos transmitia por um receptor muito próximo, uma notícia que não deixa de ter o seu paladar de original e um fim de elevada Causa social.

O locutor noticiava e nós, atentos, anotávamos:

"A Fragata de D. Fernando é para nós portugueses a última nau da India. Construída há mais de um século em madeira de teca o navio conserva uma espécie de juventude eterna. E todavia, que vida aventurosa a sua! Foi a fragata que fêz as últimas viagens para Gôa, como nau de viagem anual, aproveitando as monsões do Indico. Ela é para nós o grande romance vivo da vélha epopeia da navegação à vela.

Pois a fragata de D. Fernando, destina-se, presentemente, a abrigar dentro das suas amuradas muitas dezenas de pobres rapazitos sem família ou sem alguém que queira dêles cuidar. Trata se de pôr a fragata em boas condições de habitabilidade e, na medida do possível, restituír-lhe um pouco do seu antigo aspecto exterior.

O regime de bordo será o de uma verdadeira escola elementar com certo carácter profissional. Os rapazes aprenderão a lêr e a escrever aritmética, moral, educação cívica e outras disciplinas compatíveis com os object vos em vista. A gimnástica, a vela, o remo, a natação, farão parte integrante da sua cultura física. Esse objectivo é muito facilitaco pela própria natureza da escela que terá o seu fundeadouro de verão em frente de Pedrouços. Os trabalhos de marinheiro, iso é, a manufactura de nós, pinlas, coxins, etc., também fazem p rte do programa. A par disto os renases serão levados a passeios a excursões simultaneamente educativas e recreativas. A alimentação será substancial e bem cuidada, não faltando alojamentos, uma higiene sã e cuidados clínicos.

Do corpo docente fará parte um sacerdote e professores competentes.

Os rapazes, depois de educados, não serão abandonados ao seu destino. As habilitações obtidas na sua escola histórica, hãode permitir-lhes empregar a sua actividade na Armada, na Mari-

ces a história da tua vida, presta também homenagem a quem deves a vitalidade!

¿ Que eras? Quem te conhecia antes da ingente obra do Visconde? Eras uma aldeia desconhecida, aninhada nas faldas da serra. Sim, foi o impulso descomunal dado por êle que a animou e a tornou conhecida, mesmo no estranjeiro, como centro industrial. A' sombra da sua obra, obra de extrema projecção social, fizeram-se grandes casas. Muitos operários e pequenos proprietários, pela economia, pelo trabalho, e um pouco de sorte, tornaram-se industriais. Cresceu o número de fábricas. O progresso da técnica veio modernizá las.

Castanheira-de-Pêra é considerada hoje, sem favor, o terceiro centro industrial de lanificios, do

Salientar a obra do Visconde não é desprestigiar pessoa alguma. Não. Sente-se até orgulho em pertencer a Castanheira-de-Pêra que conta no número de seus filhos homens que se têm notabilizado no saber, na assistência social e na indústria. Homens que têm contribuído, na sua quota parte, para o seu engrandecimento e sua emancipação do concelho de Pedrógao Grande. São dignos de todo o respeito e admiração.

Evocar o nome do Visconde é recordar uma das fases mais importantes da vida castanheirense; é dar, por modêlo de iniciativa e tenacidade, aos novos um homem a quem, sabe Deus, quanto a Ribeira de Pêra deve. E' pôr diante dos olhos, castanheirenses; o seu grande bemfeitor; é fazer écoar na consciência dêsse bom povo a voz da gratidão, até que o tempo dê lugar à Justiça — a erecção de um busto ao Visconde de Castanheira de Pêra I

Belarmine Sociro

Saidação...



ADRIANO JOSÉ SEBASTIAO COELHO

São muito escassas as oportunidades para se homenagear um Cavalheiro como o nosso querido Director. Não porque exista banalidade na sua ardua vida de trabalhador incansável, mas porque a sua renitente modéstia afásta tudo quanto fale ou evidencie o seu valor de Cidadão prestante e inteligente. Fúgindo à ordem empoleiramos a nossa caneta neste exíguo cantinho — até o espaço lhe é favorável — para cumprimentarmos o nosso Distinto Camarada de faina, pelo seu aniversário natalício, registado no dia 5 do mês corrente. Pedindo perdão pela desobediência...

receba, pois, dos apagados obreiros do seu jornal a mais veemente saúdação;

nha Mercante e nos navios de pesca».

A notícia, a esta hora espalhada pelo País, não é aborrecida pela sua difusão.

Tratam-se de duas centenas de rapazes que vão ser desviadas de uma existência errante, precoce, ladeada de abismos insondáveis como as noites tenebrosas.

Serão a menos dois ceutos de gaiatos, «sem eira nem beira», arrancados ao bairro duvidoso ou à rua perniciosa, que vão receber a luz fulgurante da Instrução e a indispensável educação cívica.

Serão mais, amanhã, dezenas de homens que servirão a Sociedade porque esta não os de amparou.

> Uma escola a bordo! Magnífico pensamento!

Bem aproveitada fica a vélha Fragata, que passa ao lar de muito sêr pequenino, ensinandolhe o caminho do mar largo—aonde a alma lusitana tudo venceu e tudo pôde!

= NOTAS= Bibliográficas

«O ROTEIRO DOS MONUMEN-TOS MILITARES PORTU-GUESES», pelo General João de Almeida — Distribuição da Portucalense Editora — Largo dos Loios, 91 — Pôrto.

O General João de Almeida está elaborando um trabalho que pelo seu valor e envergadura pode considerar-se monumental. E' um tratado muito completo dos Monumentos Militares Portugueses, desde os tempos mais remotos.

A descripção dos referidos monumentos não é baseada em ciência livresca mas sim na directa observação dos locais onde existem ou existiram. Isto transmite ao tra-balho do General João de Almeida uma invulgar objectividade, a que não é estranha a colectânea de fotografias que ilustram as páginas

Acompanha êste primeiro fasciculo um mapa relativo à região sôbre a qual se exerce o estudo do ilustre Autor.

Terminamos esta referência afirmando que o trabalho do General João de Almeida é dos tais que não encontram similar em Portugal.

Recomendamo lo a fodos os que pretendam desenvolver os seus conhecimentos histórico-geográficos.

Optimo papel e belissima impressão.

A edição é do Autor.

ගු රු රු

«OS BARCOS DESCEM O RIO», por Guedes de Amorim - Edição da «Atlântida»—R. Ferreira Borges — Coimbra.

O conhecido novelista, Guedes de Amorim, fêz publicar mais um livro que não é mais do que a confirmação do valor afirmado em obras anteriores. Caracteriza o seu trabalho a originalidade das novelas, onde a realidade se não deixa subjugar inteiramente pela Inspiração. Temos de reconhecer que nem todas elas têm o mesmo valor moral ou literário, mas cremos fazer justiça ao afirmarmos que o seu aspecto geral é bom, havendo algumas muito

Um poema célebre

A genial escritora, poetisa de li-rismo arrebatador — Victória Régia, já glória entre os celebrizados trovadores filhos desse Algarve rico de talentos, que não reside entre o bucolismo terraqueo, vivendo em altura onde não atinge o vôo das aguias, enderecou-nos o seu recente labor-«Aos Pés da Cruz».

O maior céptico enternece-se diante daquêle hino à Fé, definindo sua espiritualidade invulgar nesta época em que labuta a grandeza da sua Arte, distribuindo manifestações do pensamento que quási nos assom-

Dedica o poema aos crentes fervorosos, a quem o crisol da Fé sublimou, lançando-o

Aos Pés da Cruz

Aos descrentes, que almejam o supremo instante da Redenção que os conduz

Aos Pés da Cruz.

A inteligência, mesmo o talento, quedam-se ante o seu anteâmbulo no torneio da vida... desenhando em extraordinário colorido a Monja que surge e, num gesto heróico, abre caminho entre a multidão, para Jesus passar. Jesus que ela oculta, avaramente, no seio e pretende, em sua humildade, glorificar.

boas, como: «Os Barcos descem o rio», «O Bruxo», «Barquinhos de papel», etc. A novela «A Mentirola» é muito bem orientada, mas, em nosso entender, tem um fim ingrato, pois quasi se depreende que a prisão do doido é um acto de justiça quando, afinal, é duma injustiça flagrantíssima. Afora isso, será talvez a melhor.

A forma literária de Guedes de Amorim satisfaz plenamente e a substância das novelas prendeimen-

so a atenção do leitor.

Recomendamos a obra e agradecemos ao ilustre Editor as palavras da dedicatória.

Nesta secção far-se-á a crítica literária de todos os livros de que nos sejam enviados dois exempla-

Que melodia enternecedora a Avé Maria! — antes de alvorecer o ano da graça 1943. A Crucificação, Aos Pés da Cruz, sempre a Monja protagonista símbolo da Redenção!

Acompanha a magistral descrição em três cenas, técnica teatral conscienciosamente apresentada.

Termina o deslumbramento dos leitores, mormente as senhoras de elevada educação, amantes do seu lar como as beiroas, mesmo as desta época modernista, lendo a Apoteo-

Hossana a Luz! o Divino Clarão! Hossana a Luz! Hossana eternamente! Por ti! Oue humanidade:

Requiescat In Pace!

Victória Régia na sua carreira literaria tem conseguido brilhar nas mais altas possibilidades intelectuais.

Nêste país de poetas e poetisas, vem a propósito recordar o que o célebre trovador brasileiro Castro Alves nos disse:

Oh! bemdito o que semeia Livros, livros á mão cheia... E manda o povo pensar! O livro caindo n'alma E' germen que faz a palma E' chuva que faz o mar.

Os obreiros do pensamento que podem julgar do talento de Victória Régia, não desconhecem que tôda a sua preocupação se concentra na dificilima linguagem das formas e das côres, maravilha onde raros chegam.

Se Anatole France analizasse o seu poema «Aos Pés da Cruz», repudiava hoje aquela sua célebre opi-

«As obras que tôda a gente admira são aquelas que ninguém exami-

A crítica ciência, na sua imparcialidade, que só vê literatos, artistas nas belas artes, que dentro de sua função cultural é severa, repudiando baixos espíritos por sua dignidade própria, não se iludindo com a louvaminha de encomenda, nunca regateia aos labores em prosa ou em verso de Victória Régia, a conduzi--la junto de novos empreendimentos.

Nós, que conhecemos a sua acção literária, comentando junto da opinião pública com autoridade e in-

BRISA DO LIMA

Rádio - Telefonia

Ao meu Amigo, Pereira da Silva (Pedro)

Se Deus criou a mulher, Esse dôce e amado sêr Que nos seduz e inebria... O homem com seu talento, Legou-nos o grande invento Da Rádio-Telefonia!

Exposta esta verdade, Se quer ter felicidade, Rodeado de prazer, Deve construir um lar Com um «Philips» a vibrar... E o amor d'uma mulher!

Viana-do-Castelo, 10-10-45.

H. MOURA

HENRIQUE LACERDA

ADVOGADO FIGUEIRO DOS VINHOS TELEFONE 2

Em Pedrógão Grande:

A'S SEGUNDAS FEIRAS

dependência que a missão nos exige, apreciando a literata através das páginas de seus livros, dizemos aos ilustres leitores de «O Castanhei-

Sendo uma sonhadora, idealiza criações imprimindo vida ao seu pensamento, harmonizando-o com as obras que conduz á realidade, tornando-as humanas. Eis porque conquista o aprêço das multidões por saber traduzir-lhes o que vai na sua alma de artista que modela o seu sentimento, expressão significativa do sacerdócio literário e filosófico a que se devotou por amor.

Mulheres de Portugal — leiam

«Aos Pés da Cruz».

R. LARANJEIRA

Folhetim de «O CASTANHEIRENSE»

N.º 3

ueima na serra

Novela regionalista por EL SERTUS

— Há mais seis, mas nenhuma é de seu pequeno dono. Guilherme, maior do que a minha! — disse, com ainda um pouco assustado, afagou-o, o ranazinho. Vamos. certo orgulho. descemos por êste atalho que é mais perto! Meu pai deve estar à sua espera! Atravessaram depois uma pequena ponte e entraram no portão da fábrica. O pessoal do turno da noite estava no trabalho, havia duas horas, e apenas encontraram cá fora, passeando, o guarda, que cumprimentou, respeitoso. Continuaram o caminho e meteram por uma estradazita muito bem cuidada, no fundo da qual havia uma cancela. Passada esta, logo se ouviu um ladrar forte. Renato levantou a voz:

- Caluda, «Tejo»! Este senhor é amigo! - Logo a seguir surgiu na frente dos dois um corpulento e formoso animal, espécie de cão da erra, que se pôs aos saltos em redor timidamente. Mal tinham entrado no pátio da residência do industrial, abriu-se uma das janelas da linda vivenda e um vulto gracioso de mulher apareceu. Renato gritou, de novo:

- Mariazinha! Diz ao papá que já aqui está o sr. Guilherme. Nós vamos subindo!

A janela fechou-se imediatamente e o rapazinho, muito delicado, deixou entrar primeiro Guilherme, ao mesmo tempo que ía informando:

-Era minha irmã. Chama-se Rosa Maria, mas nós chamamos-lhe Mariazinha. E' muito boa, mas às vezes gosta de me arreliar! — Guilherme não respondeu. Fôra tão rápida a cêna, que nem tivera tempo de dizer um simples «boa-noite». E foi um tanto embaraçado que subiu as

escadas, ao lado do pequeno Renato.

- Luiza! O' Luiza! Gritou êle. Uma criadita, de olhar gaiato, acudiu ao chamamento.

- Sr. Guilherme, a Luiza leva-o à sala. Meu pai vai lá falar consigo. Vou preparar-me para o jantar. Até já! — E, lépido, esgueirou-se por um corredor.

Luiza introduziu Guilherme na sala de espera, ricamente mobilada. Não teve tempo para apreciações intimas porque a porta se abriu e o sr. Rodrigo entrou. - Alto e forte, Rodrigo de Sousa era o que se podia chamar um belo personagem. Tipo de beirão distinto, usava um farto bigode que mais realçava o seu todo imponente. Desde a morte permatura da esposa, ocorrida após o nascimento de Renato, trajava sempre de luto, o que lhe dava um aspecto de maior benevolência, pois era estimado por tôda a gente daquela região, para o que contribuía muito o seu carácter generoso e acolhedor que o tornava querido e popular aos olhos do operariado, principalmente.

Ficou um instante parado em frente do belo moço que ali estava, mas logo avançou para Guilherme, de mãos estendidas e sorriso nos

- Oh! Você cresceu! Fêz-se um homem! Como está, Guilherme?

- Bem, graças a Deus, sr. Rodrigo. E cumprimentaram-se, efusivamente, sentando-se depois no

— Então, disposto a trábalhar? - A trabalhar e a aprender, sr. Rodrigo. Trabalhar no escritório e aprender na vida! disse Guilherme, com firmeza.

O industrial pareceu um pouco surpreendido com esta resposta.

- Você é muito parecido com seu pai, já vejo! E não é só na

- Minha mãi também diz o mes mo!-Eram muito amigos, o sr. Rodrigo e meu pai?

- Imenso! E então tão bom co-

E continuaram falando, animadamente, até que Luiza anunciou o jantar na mesa; levantaram-se e passaram à sala contigua, A' mesa já se encontravam Renato e a irmã,

(Continúa)

Dos nossos Amigos

Pagamento de Assinaturas

Na nossa Administração foram pagas as assinaturas dos nossos assinantes, srs

Marcelino de Carvalho, de Lisboa; Vir-gílio Corrreia, do Pôrto; José Henriques Dias Júnior e João Henriques Dias, de Sar-zedas de S. Pedro; Avelino Bernardo Naszedas de S. Pedro; Avelino Bernardo Nascimento, de Bucelas, pago pelo sr. Joaquim Bernardo Nascimento, da Moita; João Fernandes Henriques, de Lisboa; José Coelho das Neves, Lisboa; Americo Francisco das Neves, de S. Miguel; Manuel Alves, de Moçambíque, pago pelo sr. Manuel Carvalho Júnior, da Gestosa; Eduardo Domingues Mendes, de Tomar; Joaquim Mendes, de Lisboa; João Gama Correia, de Angola, pago pelo sr João Antão, de Pêra; João da Silva, de Lisboa; Manuel Duarte Prior, de Sarzedas de S. Pedro; Cipriano Duarte Prîor, de Castanheira de Pêra; Manuel Nunes, de Lisboa; Sebastião Nunes, de Lisboa; Jose Ferreira Sopas, de Lisboa; Alfrederica de Servicia de Servicia de Lisboa; Alfrederica de Servicia de nes, de Lisboa; Sebastião Nunes, de Lisboa; Jose Ferreira Sopas, de Lisboa; Alfredo David de Campos, de Figueiró dos Vinhos; José das Neves, de Sarzedas do Vasco; António Henriques Abreu. de Lisboa; Manuel Henriques de Carvalho, de Sarzedas de S.Pedro; Jesuino Tomaz Correia, do Bolo; Fernando Joaquim, de Pêra; Dr. Manuel Henriques Nunes Barata, de Lisboa; Augusto N. Ferreira, Ramiro de Carvalho, Joaquim Tomaz e João Tomaz, de Lisboa; Francisco Tomaz, Lameira Cimeira; Joaquim Pires Neto, de Botelhas; Alberto Alves, Manuel Mendes, Adriano Bernardo dos San-Manuel Mendes, Adriano Bernardo dos Santos, e José Simões do Rio Júnior, todos de Lisboa, pago por êste último senher; João Marques Tomaz, José Marques Tomaz e Luiz Marques Dinis, todos de S Paulo, Brasil, pago pelo sr. Adelino Luiz Caetano, desta vila; Carlos Alves, do Caramulo; e Manuel Coelho dos Santos, da Gestosa.

MÁQUINAS de costura

CONSERTAM-SE em Castanheira--de-Pêra, na avenida Capricho. Falar com JOSÉ TAVARES.

Iornal "O Volante"

Vai iniciar a publicação de um livro de mecânica dos automó. veis ingleses e americanos.

O jornal «O Volante» que com regularidade se publica a 5 e 25 de cada mês, tratando largamente do Automobilismo, turismo e aviação, inicia no seu 1.º número de Novembro, a publicação em forma de livro, de um trabalho do maior interêsse automobilista: trata-se de um «Vocabulário Técnico do Automóvel» (inglês-português) e que levará 12 nú-meros a publicar. Com êste verdadeiro decionário, todos podem traduzir os catálogos e livros de instruções de carros, camions, acessórios e automobilistas particulares e profissio-

Assine desde já «O Volante» Não perca esta oportunidade. 12 números 24/000. - Rua Rodrigo da Fonseca, 107—Lisboa.

-Em fins de Novembro «O Volante» edita e põe à venda a 4.ª ediio do «Código da Estrada» com tôda a legislação saída até 1944.

De Janeiro próximo em diante «O Volante» passa a saír a 5, 15 e 25 de cada mês.

Dr. Fernando Lacerda

Director da 1ª Clínica de Oftalmologia do Dispensário Policiínico Central

Ex-Assistente da Faculdade de Medicina
(Instituto de Oftalmologia Dr. GAMA
PINTO)

Doenças dos Olhos Operações. Calçada do Carmo, 6, 1. D. (Rossio)
Telefone 2 2070

Lisboa

Consultas às 17 horas, excepto as 5.45

CONVEM SABER!

O Triunfo do Papel

O papel deve o nome a um seu antepassado do Egipto - o papiro. Há 2000 anos já os chineses paciente e manualmente fabricavam papel enquanto que na Europa os gregos e os romanos ainda escreviam em

Passaram-se muitos anos, até que no século VIII os árabes trouxeram da Asia, entre outros despojos das conquistas, o segredo da fabricação do papel. E as fábricas começam então a aparecer em tôda a parte por ende os árabes passam. No século XII aparecem os primeiros documen-

tos em papel. No século XIII começam a aparecer na Europa os moinhos de fazer papel. Alguns anos depois já se vêm dêsses moinhos em quási tôda a superficie da terra. Mas durante tôda essa viagem à volta do mundo, o material que se empregava na fabricação do papel sofre grandes alteracões. Na Europa começam-se a usar nessa altura os trapos de linho já

No entanto o valor do papel ainda não foi bem compreendido. Só é usado nas cousas sem importância. Os livros são feitos ainda em pergaminho. Mas o pergaminho é caro e pelo contrário o papel é barato. Além disso o papel vai-se tornando, dia a dia, mais forte e mais resistente. Pensa-se já em escrever os livros em papel. É assim, o pergaminho vai desaparecendo pouco a pouco. Continua-se a andar para a frente.

A vida vai mudando. O comércio e a indústria desenvolvem-se. Por todas as estradas do mundo aumentam o número dos mercadores. Aumentam as feiras, aparecem novos mercados. Escreve-se mais, fazem-se mais contas, fazem-se contratos. Tôda a gente sente a necessidade de saber lêr e escrever. Já não são os frades os únicos instruidos. Aparecem novas escolas, criam-se Universidades ...

Mas a quantidade de papel para a fabricação depende da maior ou menor quantidade de mãos disponiveis, da maior ou menor quantidade de trapos, da maior ou menor necessidade de papel.

Entretanto o papel torna-se mais necessário, de dia para dia.

Chegamos por fim a uma data célebre: 1436. E numa cidade da Alemanha, João de Gutemberg imprime pela primeira vez um papel à máquina. Este foi um dos maiores impulsos que a Civilização tem dado até hoje. Já não são os frades, nem os estudantes que copiam os livros; mas sim as máquinas de imprimir. Pouco a pouco os copistas vão desa-

parecendo... Cada vez surgem mais livros em circulação. O Pensamento desenvolve-se. A invenção da imprensa torna possível a difusão das ideas. Assiste-se então ao espectáculo trágico do monopólio da imprensa em benefício das classes ricas, das classes dominantes.

Torna-se numa arma perigosa. Tudo o que se imprime é fiscalizado. Evita-se a aquisição de certos livros. Mas apesar disso tôda a gente sente cada vez mais forte o desejo de conhecer todas as cousas do mundo em que vive. A necessidade do papel aumenta. Os trapos já não chegam. E' preciso descobrir outra matéria prima com que se possa fabricar o papel. Fazem-se inúmeras experiencias durante muitos anos. E finalmente surge a solução do pro-

Da madeira pode-se fazer papel. E no mundo o que não falta é a madeira. O aparecimento do comboio veio ajudar a situação como meio de transporte. Até êsse momento as fábricas estavam situadas nas montanhas, porque a fôrça motrizera a água. Mas aparecem novas fôrças: o carvão, o vapor, a electricidade. As fábricas descem então dss montanhas em direcção à planície. Fixam se nas cidades, nos grandes centros industriais mais importantes como compradores.

O triunfo do papel é cada vez maior. Uma parte do mundo pode estar em contacto com o que se passa na outra parte através dos jornais, das ilustrações, dos livros. Depois de tão triunfal e longa caminhada chegamos aos nossos dias. Hoje sòmente as melhores qualidades de papel são feitas de trapos. Para as restantes emprega-se a pasta de ma-

A indústria do papel é cada vez mais importante. E o seu futuro parece ser ainda mais grandioso e brilhante, para mais uma vez vir confirmar a vitória do papel.

EDUARDO LEITE

A Renovadora

Oficina de Reparações e Reconstruções em todo o sistema de máquinas de escrever, somar, calcular e registadoras, etc.

Pessoal competente

MAIS DE 30 ANOS DE PRÁTICA Garantimos todas as reparações Sortido especial de acessórios para escritório

Oferece aos seus conterrâneos Castanhei-renses os seus serviços em LISBOA na Rua do Arco Marquês do Alegrete, 78 4.º Telefone 20370 P. F.

SEGURE os

haveres



DIRIGINDO-SE AO AGENTE de SEGUROS NESTE CONCELHO



José Coelho Júnior



Colocação de Seguros em 🥏 Todos os Ramos nas melhores Companhias Nacionais e Estranjeiras



Telef.: 16 - C. - de - Pêra

Cobrança

Dados os grandes encargos que temos, vimos respeitosamente apelar para todos os nossos estimados assinantes e muito especialmente aos residentes no estrangeiro e nossas colónias, o favor de liquidarem as suas assinaturas em atrazo.

Vai a Lisboa?

Hospede-se na PENSÃO CAS-TANHEIRENSE, junto à Igreja de S. Domingos, a mais central de Lisboa

Luxuosamente ampliada, com explêndidos quartos. Optimo serviço de mesa e a preços acessíveis, Máxima seriedade

Rua dos Correeiros, 264, 2.º dt.º e Esq. — Telef. 28454 em todos os andares

Manuel Brinca

MÉDICO ESPECIALISTA DOENÇAS DOS OLHOS Rua Ferreira Borges, 162, 2.º (À PORTAGEM)

> Telefones: Consultório 3039 Residência 3509 COIMBRA

Passagens e Passaportes

Agência BENTO Rua Nova do Carvalho, 10 - LISBOA

Esta Agência encontra-se habilitada a promover com a possível brevidade a passagem de passaportes para o Brasil, Américas e Europa

Dá informações em Cast.ª-de-Pêra:

EDUARDO SILVA



ANIVERSÁRIO DE

"O Castanheirense"

O dia I de Janeiro marca, para o nosso jornal, data digna de registo — como hora em que toi iniciada obra bem alicerçada nos sãos princípios regionalistas.

Embora faltem algumas semanas para se chegar ao 10.º aniversário de «O CASTANHEIRENSE», conforme já anunciamos, estamos a preparar o seu NUMERO ESPECIAL, comemorativo da entrada no ano de 1946.

Para que não desmereça da importância das publicações anteriores, esforçamo nos na sua organização, cujo satisfatório rezultado depende da prontidão da entrega de originais, pela parte dos nossos estimados colaboradores, e da sempre benevolente atenção que os considerados anunciantes costumam dispensar nos.

A's circulares por nós endereçadas às firmas que se interessam pela PUBLICIDADE, julgamos, como de costume, ser prestada a merecida importância.

Pessoalmente visitaremos a Indústria e o Comércio locais para solicitarmos o seu anúncio, o qual não pode deixar defigurar no nosso NUMERO ESPECIAL.

Nas areias do deserto?

LIXO & C.ª

Esta descaradíssima firma, tida como indesejável no mundo civilizado e no mundo selvagem, assentou arraiais no nosso meio. Sem entraves de espécie alguma, da parte dos zeladores da higiéne e da compostura, exibe, em plena via pública, os seus mais variados produtos que, diga-se de passagem, nem de passagem se podem vêr...

A última chuva, frescalhota e cuidadosa, procedeu a alguma limpeza, pelo que lhe ficou muito agradecida a desmazelada vassoura municipal.

Esta não leva a bem que a sua vila calce do fino e deixa que as ruas se guarneçam de detritos de tôda a espécie!

Lá por nós, castanheirenses, sujeitos ao sacrifício de vedar os olhos e de apertar as narinas, o hábito vai andando... Mas, quando somos visitados por estranhos, o intolerante as pecto das ruas envergonha-nos.

Mais uma vez pedimos a quem de direito para se empenhar na abertura de falência àquela desavergonhada firma, que em nada nos recomenda com o estendal dos seus produtos...

Fazemos votos para que estas palavras não se envolvam nas areias do deserto.

Dr. Albano Coelho

INTERNO DOS HOSPITAIS

Ouvidos, Nariz e Garganta. Operações

Calçada do Carmo, 6, 1., D. (Rossio)
Telefone 22070
LISBOA
Consultas às 17 horas

Guarda-livros

Com longa prática em fábrica de lanifícios, oferece-se. Está colocado. Carta a esta redacção à inicial X.

O Lastanheirense

Visado pela Comissão de Censura de Coímbra

ASSINATURAS:
Quadrimestre 7\$20
Cobrança pelo correio
mais 1\$00

PUBLICA-SE NOS DIAS

1, 10 e 20

DE CADA MÊS

ASSINATURAS
Estrangeiro: ano 41\$10
Império Português:
ano 33\$60

Noticias & Informações

Dia de Finados

Passou o dia das romagens aos cemitérios, num preito de comovida saüdade pelos nossos mortos queridos, cuja memória pedurará sempre na constância de uma enternecida relembrança. Acenderam-se lumes votivos e desfolharam se pétalas de flôres sôbre as campas rasas ou nos altares-íntimos das capelas-jazigos e dos sumptuosos mausoleus. E os recintos sagrados dêsses campos-santos transtiguraram-se em graça e belesa — numa aparição de espiritual encanto.

Durante os dias I e 2 — verdadeiras horas outonais, melancólicamente tristonhas — o cemitério desta vila foi visitado por multidão enlutada, que, na sua maioria, se ocupou nos afanosos afazeres de um cuidadoso adôrno das sepulturas.

Na igreja paroquial rezaram-se missas sufragando as almas dos que repousam naquêle cemitério.

* * *

ABOHO DE FAMÍLIA

Por determinação superior, está suspenso, provisóriamente, o regime do pagamento, nas agências da Caixa Geral dos Depósitos, das contribuições mensais destinadas aos organismos de previdência e das Caixas de Abôno de Família.

CAÇA Á PERDIZ

Segundo uma portaria ministerial recentemente publicada, é proíbida a caça à perdiz a partir do dia de hoje.

Agradecimento

Artur Dias Rôlo, seus filhos e genros, Clarinda das Neves Rôlo David António David, Juvelina das Neves Azevedo, Albertino das Neves Rôlo, seus irmãos, Guilhermina das Neves Moreira, Maria Rosa das Neves Cunha, Lucinda das Neves Bernardo, Américo Francisco das Neves, Joaquim Francisco das Neves e mais familia, vêm, por êste meio testemunhar o seu agradecimento a todas as pessoas que se dignaram acompanhar à sua última morada sua extremosa esposa, mãi, sogra e irmã, que em vida se chamava Maria da Soledade Henriques, cujo funeral teve logar no dia 2 de Setembro, sendo o seu cadáver sepultado no cemitério de Castanheira-de-Pêra.

Troviscal, 29 de Setembro de 1945.

AUTOMÓVEL DE ALUGUER

Alfredo David Campos, Figueiró-dos-Vinhos, informa de que muito em breve inaugurará, em Castanheira-de-Pêra, o serviço de aluguer de automóvel.

Na devida oportunidade se designará dia certo.

Data histórica

Passou no dia 25 do mês findo o XI aniversário da gloriosa epopeia que foi a viagem aérea de Amadora a Macau e Timor, estudada e realizada pelo grande aviador (então no pôsto de tenente), sr. Major Humberto da Cruz e pelo seu mecânico. o malogrado e saudoso 10 sargento, António Gonçalves Lobato, permaturamente arrancado à vida num desastre ocorrdo tempo depois no campo de aviação de Vizeu.

ණු නු රු

VIDA ESCOLAR

A reger uma das escolas femininas desta vila, encontra-se a sr.a D. Ilda de Jesus Remigio dos Reis, esposa do nosso amigo e assinante, sr. Constantino David dos Reis, de Figueiró-dos-Vinhos, que veio substituir a professora, sr.a D. Cora da Conceição Teia, presentemente a leccionar na escola do Troviscal.

DESASTRE-MORTE

Aguda, I — Quando se dirigia em motocicleta para Figueiró-dos-Vinhos, o padre sr. José Marques da Silva, pároco desta freguesia, chocou, no sítio denominado Ribeira de Alge, com o ciclista Alberto do Carmo Lopes.

O primeiro sofreu fractura na base do crâneo, de que veio a falecer. O segundo

O primeiro sofreu fractura na base do crâneo, de que veio a falecer. O segundo que recebeu fractura de dois dedos de uma das mãos e várias contusões pelo corpo, foi detido para averiguações.—C.

PETRÓLEO

O prêço do petróleo baixou \$70 centavos em litro, passando assim a custar 2\$30.

EDITAL

Jayme Eloy Moniz, Engenheiro-Chefe da Segunda Circunscrição Industrial, Avenida Sá da Bandeira, Número Cento e Onze — Coímbra:

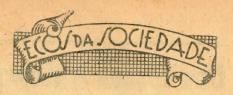
FAZ SABER que José Augusto Antunes, pretende licença para instalar uma oficina de ferreiro, incluida na 2.ª classe, com os inconvenientes de barulho, trepidação e fumos, situada no lugar do Troviscal, freguesia e concelho de Castanheira-de Péra, aistrito de Leiria, e junto à Estrada Nacional n.º 236 de 1.ª. (Antigo Romal da Estrada Nacional n.º 54-2.ª classe) ao quiló-metro 2 380, confrontando ao Norte com a Estrada pública, Sul, Nascente e Poente com propriedades de Marcolino Alves Tomaz, Manuel Francisco dos Santos, João Rodrigues Júnior e José Augusto Antunes.

Nos termos do regulamento das indústrias insalubres, incómodas, perigosas ou téxicas e dentro do praso de 30 dias, a contar da data da publicacão e afixação dêste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações, por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo n.º 8659, nesta Circunscrição Industrial, com séde em Coímbra, Avenida Sá da Bandeira, n.º 111.

Coimbra e Secretaria da 2.ª Circunscrição Industrial, em 26 de Outubro de 1945.

O Engenheiro-Chefe da Circunscrição,

Jayme Eloy Moniz



JOÃO BERNARDO COELSO

E' o amigo mais novo, cá da casa. Simpático e educado, reúne em sua volta amisades sinceras, que o colocam num plano de respeitosa popularidade.

O amigo mais novo, cá da casa, completou, na última quarta-feira, 20 prometedoras primaveras — prometedoras, porque é um moço inteligente, trabalhador e bom.

Com desejos de longa vida e prosperidades felicita e abraça o lealissimo «Janeca» — Um Grupo de Amigos.

ల్లిండ్లు స్టాల్లిండ్లు స్టాల్లు స్టాల్లు స్టాల్లు మార్చులు స్టాల్లు స్టాల్లు

PARTIDAS E CHEGADAS:

Esteve nesta redacção o sr. dr. Henrique Vaz Lacerda, distinto advogado em Figueiró-dos-Vinhos.

Vimos nesta vila os srs. Manuel Fernando Soares, professor em Mira-de-Aire, acompanhado de sua esposa; Carlos Alves, do Caramulo, tamém acompanhado de sua esposa, e Alfredo Costa, de Lisboa, que veio ao lugar do Bolo, em visita a sua mãi

esposa, e Alfredo Costa, de Lisboa, que veio ao lugar do Bolo, em visita a sua mãi — Nas Botelhas, está a passar alguns dias junto de sua família, o sr. Cassiano Martins Silvano, sua esposa e filhos, Olímpio, Adelino e José Carlos da Costa Silvano.

— Da Cuarda regressou o industrial de lanifícios, sr. Mário Alves Gonçalves Bebiano.

— Regressou de viagem o sr. Waldemar Salvador Rosinha, viajante da firma local, Tomás & Carvalheira, L.da.

PEDIDOS DE CASAMENTO:

Foi pedida em casamento pela sr.a D. Maria Rosa dos Santos Antunes e seu marido, sr.Emídio Coelho Antunes, probo industrial e proprietário desta vila, para seu filho sr. Artur Ooelho Antunes, considerado comerciante em Lisboa, a menina Ester Mendes Barreiros, prendada filha da sr.a D. Generosa Mendes Barreiros e do sr. José Simões Barreiros Júnior, importante comerciante e proprietário em Figueiró-dos-Vinhos.

DOENTES:

Em Lisboa, em casa de seu genro, nosso estimado assinante, sr. António Francisco da Silva, tem estado bastante doente a sr. D. Conceição dos Santos.

Devido a constante e profícua assistên-

Devido a constante e profícua assistência médica e aos cuidados de sua neta, menina Maria de Lourdes Alves da Silva, tem a enfêrma experimentado sensíveis melhoras.

—No lugar do Bolo tem passado incomodada de saúde, a sr.a Maria Benedita Costa, mãi do sr. Alfredo Costa, de Lisboa.

Desejamos o pronto restabelecimento das doentes.

Na nossa Redacção

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso amigo, sr. Ilídio Tomás Henriques, industrial na praça de Vizeu, que se fazia acompanhar de seu mano, sr. Artur Coelho dos Santos, comerciante em Lisboa.

Os nossos agradecimentos.

BEHRIQUE DE SEQUEIRA VAREJÃO

Faleceu no dia 30 do mês passado, na sua residência, à rua Particular dos Arcos, 89, ao Carvalhido, no cidade do Pôrto, o sr. Henrique de Sequeira Varejão, aposentado das Finanças. Era casado com a sr.a D. Balbina Varejão, pai da sr.a D. Maria Margarida Varejão Ribeiro da Silva e do sr. Manuel Henrique Varejão, activo Director do Instituto Luso Brasileiro e da Academia Nacional da Rádio e sôgro de D. Maria da Glória Alvarenga Varejão e do sr. Manuel Eduardo da Silva, inteligente agente técnico.

A' família enlutàda, apresenta «O Castanheirensé» o seu caríão de condolências.

O vinho novo

Pelo Ministerio da Economia foi publicada uma portaria determinando que seja permitida a compra e venda e o trânsito de vinho novo, comum ou de pasto, por grôsso ou aretalho, simples ou misturado.